

■ NACIONAL/LÍDERES EMPRESARIAIS

Os rumos da economia nos últimos 25 anos

3

José Mindlin



Em 1977, era presidente da Metal Leve. Hoje dedica-se à sua biblioteca de livros raros.

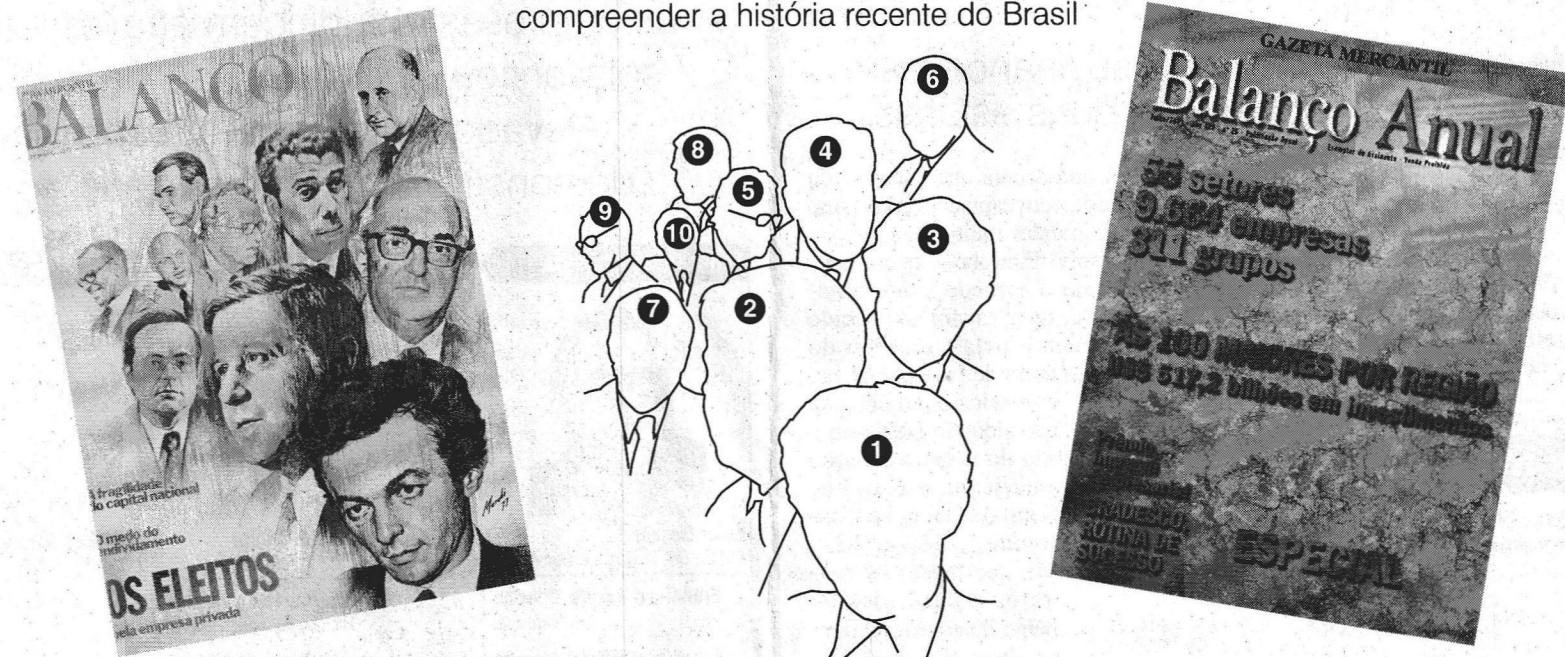
José Mindlin enriqueceu com pistões e bronzinas — mas nunca escondeu de ninguém sua preferência pelos livros. Ex-presidente da Metal Leve, empresa de acessórios automotivos que fundou em 1950 e chegou a ter duas fábricas nos Estados Unidos, o empresário assumiu em tempo integral sua vocação de bibliófilo, um dos maiores da América Latina.

A aposentadoria veio em 1996, quando a Metal Leve foi adquirida pela alemã Mahle e a então brasileira Cofap. Na época da venda, Mindlin admitiu que não havia outro caminho para a empresa, já que, nos moldes originais, ela não teria como competir num mundo globalizado.

Jornalista com passagem pelo "O Estado de São Paulo", advogado formado no Largo de São Francisco e professor, Mindlin foi secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do governo paulista em 1975. Renunciou após as mortes do jornalista Wladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho, no fim do governo militar.

Sempre engajado, o empresário lembra com entusiasmo da sua participação no lançamento do "Documento dos Oito", elaborado e assinado em 1978, um ano após sua eleição para o Fórum de Líderes da Gazeta Mercantil. "Essa primeira manifestação empresarial pedindo a abertura política, a negociação direta com os trabalhadores e o direito a greve conseguiu uma enorme repercussão na imprensa", diz.

Em 1977, os leitores da Gazeta Mercantil elegiam dez dos mais representativos empresários brasileiros como líderes na primeira edição da revista Balanço Anual. A trajetória desses industriais ajuda a compreender a história recente do Brasil.



1 Claudio Bardella - 2 Severo Gomes - 3 José Mindlin - 4 Antônio Ermírio de Moraes - 5 Paulo Vellinho - 6 Augusto Trajano de Azevedo

7 Paulo Diederichsen Villares - 8 Laerte Setúbal Filho - 9 Amador Aguiar - 10 Jorge Gerdau Johannpeter

1

Claudio Bardella



O primeiro de todos os líderes eleitos pelo fórum de empresários da Gazeta Mercantil, o industrial Claudio Bardella, continua, como há 24 anos, um entusiasta das joint-ventures com o capital estrangeiro. Lamenta, porém, que esse recurso — das melhores alternativas para atrair novas tecnologias para o Brasil — seja utilizado cada vez menos no País.

Herdeiro do grupo Bardella, pioneiro da indústria mecânica brasileira, nos anos 70 ele já apostava na força das parcerias. A companhia que dirige, à época, já firmava acordo com os grupos Sofrefame, de Portugal, e Schuler, da Alemanha. Na opinião do empresário, o relacionamento do capital brasileiro com o capital estrangeiro passou por um grande retrocesso desde aquele período.

"Achávamos que tínhamos de pertencer a um grupo com acesso

à tecnologia e aos mercados internacionais", diz o empresário. "Mas, hoje, a globalização acabou com isso." Para ele, a abertura dos mercados no Brasil foi extremamente mal elaborada e mal conduzida, de tal modo que as empresas estrangeiras que chegam ao País preferem se instalar por conta própria ou comprar empresas privadas ou estatais já estabelecidas. A idéia de formar parcerias quase nunca passa pelas cabeças dos diretores dessas empresas.

Ex-presidente da Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústrias de Base (Abdib), Bardella nunca se furtou a comentar a realidade política nacional. Ele lembra a ampla repercussão do "Documento dos Oito", do qual foi um dos signatários. "Empresários que até então tinham muito medo da repressão a qualquer manifestação logo nos apoiam."

2

Severo Gomes



Mais lembrado como senador constituinte e líder do movimento pelas Diretas Já, no final do governo João Figueiredo, Severo Gomes, na verdade nasceu para ser empresário. Formado em direito, ele preferiu administrar a herança que recebeu do pai, que se constituía principalmente de terras e cabeças de gado no interior de São Paulo. Mas, além disso, Severo Gomes acabou ficando também com a tradicional Tecelagem Parahyba, que presidiu em vários períodos a partir de 1965.

O golpe militar levado a cabo no Brasil nos idos de 1964 coincidiu com o início de sua vida pública. Seu primeiro cargo foi o de diretor de crédito agrícola do Banco do Brasil. Depois, tornou-se ministro da Agricultura no governo do general Humberto de Alencar Castello Branco. Posteriormente, foi também ministro da Indústria e

Severo Gomes, que chegou a ser definido como "ministro esquerdistas", preferia se definir como "um homem de centro, conservador, marcado pelo liberalismo das Arcadas", numa referência à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde estudou.

O senador teve morte trágica. Em 12 de outubro de 1992, faleceu no mesmo acidente de helicóptero que matou também o deputado federal Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte de 1988, e as esposas de ambos.

5

Paulo Vellinho



Em 1977, era diretor-presidente da Springer. Hoje, é vice-presidente do grupo Avipal.

As vésperas de comemorar 74 anos de idade, o empresário Paulo Vellinho está em plena atividade. É vice-presidente do grupo Avipal, presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) e vice-presidente da União Brasileira de Avicultura (UBA). Natural da cidade de Caxias do Sul, na serra gaúcha, completou no mês passado 55 anos de trabalho.

No Rio Grande do Sul, o nome de Vellinho está relacionado a novidades tecnológicas e preocupação social. No grupo Springer, no qual ingressou na função de vendedor e chegou a diretor-presidente, elevou a empresa da condição de revenda de refrigeração comercial à de fabricante de televisores, geladeiras e aparelhos de ar-condicionado. O salto tecnológico foi conquistado por meio de parcerias. Com ousadia e determinação, negociou a participação da norte-americana Admrial para somar know-how na linha de produção.

Na fabricante de compressores Embraco, trabalhou para aumentar o índice de nacionalização do produto. Levou essa mesma característica de inovação para a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), entidade que presidiu entre os anos de 1971 e 1974, ao criar um prêmio para incentivar novidades tecnológicas geradas no parque industrial gaúcho. Entre entidades de atuação nacional, foi presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

6

Augusto Trajano de Azevedo



Em 1977, presidia o grupo Caemi, um dos maiores mineradores de ferro do mundo. Faleceu em 17.09.1996.

Augusto Trajano de Azevedo Antunes, "o Rei do Ferro", transformou uma pequena mina em Itabirito (MG) num império avaliado em Bolsa na casa de meio bilhão de reais.

A Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração — que deu origem ao grupo Caemi — surgiu nos anos 40, quando Azevedo Antunes, o então engenheiro arrendou a Mina do Pico dos ingleses da Saint John do Rey Mining Company.

Nos anos seguintes, ele incorporou ao grupo novas minas, terminais de escoamento, unidades de processamento e fábricas de caulin. Mais tarde, já nos anos 80, comprou o Projeto Jari — o ambicioso programa de produção de celulose no Pará do bilionário Daniel Ludwig —, recentemente vendido por seus herdeiros.

De todos os seus empreendimentos, ele apontava o Projeto Amapá, exploração de manganes em parceria com a norte-americana Bethlehem Steel, como o grande responsável pelo lastro econômico e empresarial do grupo. Hoje soma reservas de 1,4 bilhão de toneladas de minério de ferro. É um dos quatro maiores exportadores de minério de ferro do Mundo.

Nos seis anos que separam sua aposentadoria, em 1990, de sua morte, a presença do executivo foi sempre forte no grupo Caemi. Ele também manteve encontros constantes com seus dois herdeiros, seus netos Guilherme e Mário Frerling, que se revezaram na liderança da empresa.

7

Paulo Diederichsen Villares



Em 1977, era diretor-superintendente do grupo Villares, função que mantém até hoje.

Paulo Diederichsen Villares assumiu a direção das empresas da família no começo dos anos 70, quando, aos 23 anos, sequer havia terminado o curso de Engenharia Metalúrgica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP).

Vinha de uma dinastia de empreendedores. O pai, Luiz Dumont Villares, era um verdadeiro visionário. Já no começo do século importava peças para a montagem dos elevadores Atlas, muitas vezes diante do mesmo edifício onde seriam instalados.

Nos anos 40, Luiz pilotava seu próprio monomotor. Nos anos 50, concebeu uma garagem automática que permitia estocar veículos em edifícios.

Não é o único pioneiro da família. Paulo é, também, sobrinho-neto do pai da Aviação, Alberto Santos Dumont.

À frente do grupo Villares, Paulo Villares conseguiu expandir os negócios da família até o fim dos anos 80, quando chegou a faturar em torno de US\$ 1 bilhão. Desde então, o grupo enfrentou uma grave crise, vendendo suas operações nas áreas de informática, bens de capital e também a Elevadores Atlas. No ano passado, foi a vez da Aços Villares, a última pérola do grupo, passar para o controle do grupo espanhol Sidernor, concentrado na produção de aços especiais, aplicados na indústria automotiva.

Além das empresas da família, Paulo Villares ocupou a presidência do Instituto Brasileiro de Siderurgia (Ibram).

8

Laerte Setúbal Filho



Em 1977, era vice-presidente comercial da Duratex. Hoje é vice-presidente do conselho da empresa.

Um dos maiores especialistas brasileiros em comércio exterior, Laerte Setúbal, vice-presidente do conselho da Duratex, considera decepcionante a carreira dos exportadores brasileiros nos últimos 25 anos. Em 1977, quando era um dos eleitos pelo Fórum de Líderes da Gazeta Mercantil, ele já levava as exportações da empresa aos US\$ 20 milhões anuais. Muito antes que Organização Mundial do Comércio baixasse regras rigorosas para as negociações internacionais, Setúbal acumulava vitórias em vários processos antidumping movidos por fábricas estrangeiras de chapas. E não apenas na Duratex, onde está desde o fim dos anos 50.

À frente da então Associação de Exportadores Brasileiros (AEB), na década de 80, Setúbal acompanhou uma dezena de processos, tanto da indústria do aço, como de produtores de bares norte-americanos, que contestavam o preço dos peixes amazônicos. Hoje, lamenta que, durante esses anos todos, o empresariado brasileiro nunca apostou no comércio exterior. "A indústria não viu nisso um mercado firme", diz. "Ela sabia das exigências dos consumidores estrangeiros e dos investimentos necessários para atendê-las — mas era retratária a tudo isto". Para Setúbal, mais que financiamento e simplificação burocrática, é o câmbio favorável que promove a exportação.

Por isso, prevê que a conjuntura atual reverterá o atraso das últimas décadas e reforçará a vontade de exportar.

9

Amador Aguiar



Em 1977, dirigia o grupo Bradesco, que presidiu até um ano antes de falecer, em 24.01.1991.

Filho de família pobre em Sertãozinho, no interior de São Paulo, depois tipógrafo, office-boy e bancário, Amador Aguiar fundou o maior banco privado da América Latina, o Bradesco. Sua trajetória no mundo das finanças, onde amealhou fortuna de US\$ 860 milhões, começou, porém, na função de contínuo do Banco Noroeste, e em 18 anos, chegou ao topo da hierarquia da instituição.

Já em 1942, gerenciava o Banco Brasileiro de Descontos, antiga Casa Bancária Almeida. Foi seu presidente entre 1963 e 1984. Afastou-se por dois anos, mas voltou à função que exerceu até um ano antes de morrer, aos 87 anos, em 1991.

Baixa parte do sucesso do Bradesco é atribuída à capacidade de Aguiar identificar oportunidades de negócios. Foi assim no ciclo do café e na explosão industrial paulista. Seu banco foi o primeiro a aceitar o pagamento de contas de luz.

Geralmente apolítico, Amador Aguiar foi um dos dois líderes eleitos em 1977 que se recusaram a assinar o Documento dos Oito. O outro foi Azevedo Antunes, do grupo Caemi. Há uma exceção de engajamento na carreira pautada pela economia de declarações e manifestações públicas: uma rápida passagem pela Secretaria Municipal de Finanças de São Paulo, em 1956.

Aguiar, que trabalhava 15 horas por dia, ganhou fama por algumas peculiaridades — como a aversão ao uso de meias e ao uso de talões de cheques.

4

Antônio Ermírio de Moraes



Em 1977, Antônio Ermírio já era um dos principais executivos do Grupo Votorantim, que hoje preside.

Poucos empresários participaram tão ativamente das questões nacionais nos últimos 25 anos quanto Antônio Ermírio de Moraes, de 71 anos, que comanda o Grupo Votorantim. "A periferia mostrou o quanto a sociedade brasileira pode ainda nos surpreender positivamente", disse ele, ontem, sobre o esforço nacional de racionalização de energia. Sempre receoso da intervenção do Estado na economia, o líder é visto como voz do empresariado nacional e divulgador do empreendedorismo.

Entre 1972 e 1974, na época presidente do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), divergiu do então ministro da Indústria e do Comércio, Pratini de Moraes, acusando-o de praticar uma política de estatização do setor. Na década de 80, ensaiou ingressar na vida política, mas perdeu as eleições de 1986 ao governo paulista. Não conseguiu superar o PMDB de Orestes Quercia. Assim, Antônio Ermírio não reproduziu a trajetória do pai, José Ermírio, patriarca da família que assumiu o controle da Votorantim na década de 20 e teve expressiva passagem pelo Senado, de 1962 até 1970.

O grupo e a família acompanharam a história econômica do País, desde a crise do café de 29, passando pela crise do petróleo e chegando, firmes, à crise do real, em 1999. Em meio a tantas turbulências, o grupo Votorantim continua obtendo resultados positivos. No ano 2000, o lucro líquido foi de R\$ 1,36 bilhão.

Em 1977, dirigia o grupo siderúrgico Gerdau, cujo conselho diretor preside atualmente.

Em 1977, quando Jorge Gerdau foi eleito Líder Empresarial, o grupo siderúrgico Gerdau tinha atuação nacional; agora, atua no Brasil e em outros cinco países: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Chile e Uruguai. Produz 8,4 milhões de toneladas anuais de aço e seu faturamento consolidado chega a R\$ 6,2 bilhões. Fundado há um século, o grupo se tornou um importante player da siderurgia: 24º no ranking mundial e primeiro na América Latina (aços longos). Aos 65 anos, que completará em novembro, Gerdau diz que a expansão econômica brasileira era inimaginável em 1977, quando foi eleito Líder pela primeira vez. "O empresariado galgou posição de destaque, mas a parte social não acompanhou o desenvolvimento econômico, provavelmente pelo maior crescimento demográfico, agregado à baixa produtividade e à gestão inadequada de recursos públicos", diz ele, analisando o tempo passado. Por isso, acrescenta, é "importante que tenha surgido agora uma consciência maior da sociedade e dos empresários para enfrentar o desequilíbrio social". Antes, comentou, vivia-se numa economia fechada, em que não se pensava nos desafios da globalização, da formação de blocos. Isto, indiscutivelmente, é um desafio e exige de todos a recapacitação para o novo cenário". Gerdau coordena atualmente a Ação Empresarial Brasileira, movimento empresarial que busca soluções para o País.